

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS Ficha de Identificação Formas de Expressão	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	17	F40	04
	UF	sítio-	Loc	ano	Ficha	no.

1. Localização

Sítio Inventariado	QUILOMBOS DA SERRA DO CIPÓ
Localidade	COMUNIDADE QUILOMBOLA DO AÇUDE
Município / UF	JABOTICATUBAS / MG

2. Bem cultural

Denominação	CANDOMBE
Outras denominações	Candombe do Açude
Condição atual	☒ vigente / íntegro ☐ memória ☐ ruína
	☐ outro _____

3. Fotos

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.

	
Tambus ao sol ao longo do dia para dilatação do couro. Preparação para a festa que começara a noite. Quintal de Dona Iena. Açude. 28 de maio de 2016. Fotos: Priscila Musa.	

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

04



Candombe do Açude. Casa de Dona Lena. Açude. 28 de maio de 2016. Fotos: Priscila Musa.



Candombe do Açude. Casa de Dona Lena. Açude. 28 de maio de 2016. Fotos: Priscila Musa.



Candombe do Açude. Casa de Dona Lena. Açude. 28 de maio de 2016. Fotos: Priscila Musa.



Candombe do Açude. Casa de Dona Lena. Açude. 28 de maio de 2016. Fotos: Priscila Musa.

4. Descrição do bem identificado

O Candombe do Açude é uma tradição herdada pelos ancestrais escravizados da comunidade quilombola na Fazenda Cipó Velho. Trata-se de um ritual devocional a Nossa Senhora do Rosário, mãe do Candombe, nascido a mais de 200 anos quando os escravos da Fazenda Cipó fizeram os primeiros tambus para buscarem a imagem de Nossa Senhora do Rosário encontrada em uma lapa.

Conta o mito de origem no Açude que Nossa Senhora do Rosário apareceu em uma lapa da fazenda. Os brancos tentaram por várias vezes levar a imagem para a igreja da fazenda, mas Nossa Senhora sempre retornava para a lapa. A imagem somente “sossegou” na igreja quando os negros a carregaram. Antes de seguir para a lapa, os escravos esculpiram três tambus para saudar Nossa Senhora do Rosário com madeira extraída na mata. Ao som do Candombe, Nossa Senhora voluntariamente foi para a igreja da Fazenda Cipó Velho. A partir de então, todos os dias ao cair da noite, depois do trabalho, os escravos a cultuavam com os tambus, o que perturbava o senhor. Apesar da aceitação de Nossa Senhora ao culto dos tambus, o senhor entendia que instrumentos artesanais em madeira eram indignos de Nossa Senhora. Incomodado com a celebração, mandou queimá-los. Mas a fumaça exalada da madeira dos tambus passou a perseguir o senhor e a sufocá-lo. Sua esposa, na tentativa de reverter as consequências geradas pela ação do marido, pediu aos escravos que fizessem novos tambus e voltassem a tocá-los. Os escravos assim fizeram, mas a fumaça perseguiu o senhor até a sua morte. Estes três tambus esculpidos para substituir os instrumentos incinerados permanecem no Açude e estão hoje guardados na casa de Dona Mercês.

O Candombe é uma forma de expressão em geral manifestada em celebrações - festas - que se repetem anualmente como devoção e pagamento de promessa. Na Comunidade Quilombola do Açude acontecem atualmente dois Candombes: o “Candombe de Lena” (no último sábado de maio, na casa de Lena) e o “Candombe de Mercês” (no segundo sábado de setembro, na Casa de Mercês).

Ficha de Identificação: Formas de Expressão**MG****01****01****17****F40****04**

Cada festeiro ergue a bandeira com a imagem de seu santo de devoção. Na festa de Dona Mercês levantam a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e na de Dona Helena, a de Nossa Senhora do Desterro, do Menino Jesus e de São João. Os entrevistados explicaram que independentemente da bandeira erguida, o Candombe é sempre para Nossa Senhora do Rosário.

5. Descrição do lugar da atividade**5.1. Características gerais**

O candombe compõe as partes de uma festa em homenagem aos santos de devoção. Essas celebrações aconteceram e acontecem no Açude ou em localidades rurais da região, sempre na casa do festeiro. Como é típico nesses povoados, as casas sempre são acompanhadas de um terreiro, alguns maiores, outros menores. O candombe acontece dentro de casa, em geral na sala, e no terreiro, próximo a uma fogueira e ao mastro com a bandeira.

5.2. Marcos naturais e/ou edificados

Serra do Cipó

5.3. Agenciamento do espaço para a atividade

Dentro de casa: Por volta das 21h30 e 22h, os festeiros, os candombeiros e os visitantes se reúnem na sala para a reza.

No terreiro: Após a reza, o grupo de presentes ergue o mastro próximo à fogueira e ali iniciam o candombe. Os candombeiros se revezam tocando, cantando e dançando. Por algumas vezes paralisam o toque para afinar os tambus na fogueira

Novamente dentro de casa: Durante a madrugada os candombeiros entram para a sala da casa, onde o Candombe continua. “quando [o Candombe] entra pra dentro de casa é que pega fogo...”.

Novamente no terreiro: Ao nascer do sol iniciam o ritual de encerramento. O grupo circula a casa da anfitriã por três vezes, sempre entrando pela porta da cozinha e saindo pela porta da sala. Então seguem para o pé da bandeira, onde será finalizada a festa.

6. Tempo**6.1. Periodicidade de**

Atualmente o candombe carrega três compromissos anuais: a festa de Dona Lena (na Colônia, em maio), a festa de Nelson (na localidade de Gerônimo em Santana do Riacho) e a festa de Mercês (no Açude, em setembro).

6.2. Ocorrência efetiva desde 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

04

☒

☒

☒

☒

☒

☒

☒

☒

☒

☒

☒

☒

7. Biografia

Não se aplica

8. Atividade**8.1. Origens, motivos, sentidos e transformações**

O “Candombe do Açude” acontecia tanto na comunidade, como em comunidades do entorno – locais onde os quilombolas mantêm laços de parentesco e amizade. Em especial nas últimas duas décadas, a frequência das festas passou por uma drástica redução. Havia Candombe na “Zareia” (um por promessa de Marculino e outra por promessa de Naná), na Vila Santa Rita (promessa de Lair), em Capoeira Grande (na casa de Inês e João de Bem), na Vargem Grande (de Nilda), no Capão Palmito (casa de Zé Suterio), em um lugar “pra cima do Chapéu do Sol (casa de Tidico), na Lapinha de João Congo (na casa de Valtério), na casa do Seu Nego (local não mencionado), na Vacaria, na casa de Zé Vitor (não ficou claro se são duas festas distintas ou se a festa na Vacaria era a de Zé Vitor), no Cardoso (Candombe de Dalina), “Lá pro lado do Tumé” (na casa de Laíde), na Pindaíba e no Barreiro. Hoje, a única festa fora da comunidade que regularmente conta com Candombe é o “Candombe de Nelson” (no terceiro sábado de Julho, na localidade rural Gerônimo, em Cardeal Mota). Algumas eram esporádicas e outras anuais, mas todas essas festas reuniam os candombeiros da região, não apenas do Açude.

“Era tanto candombeiro. Era tudo espalhado. Morava no Açude, Vargem Grande, Paraúna, Berto, Cardoso, Xirú, Vacaria, Colônia, Soberbo, João Congo, São José da Serra... Juntava esse povo tudo. (...) Olha pra você ver, João da Benvinda, Henrique, Acácio, Bil... Esses eram os candombeiros. Zé Vitor, Marcolino (...) Messias, Américo, Zé Culú, Zeca... Mas tem mais... As esposas... As mulheres que dançavam era Claudiana [filha da Claudiana velha que ficou com do Xirú], esposa de Zé Culú, Chica do Carumbé... Umas mulheres grades, umas negonas, mas não era forte não, era magrinha. Essas mulheres mais antigas, elas eram alta, alta esculturada, no corpo não tinha gordura não. As mulheres que cantavam candombe na época...” (Eny Aparecida da Apresentação, novembro de 2016)

A princípio o hoje “Candombe do Açude” era referenciado apenas por Candombe. Aconteciam “festas” nas quais o “candombe” era um dos elementos. Com a visibilização e valorização do candombe promovido pela ghfghfghfghfghfghf, o Candombe passou a ser conhecido como “Candombe do Açude” e se sobressaiu em relação à festa. Assim se antes falavam “Festa de Lena” agora é mais comum ouvir “Candombe de Lena”, mesmo o candombe permanecendo como parte da celebração.

Apesar do Candombe do Açude ser uma referência cultural da Comunidade Quilombola do Açude (e poderíamos acrescentar aqui também de todas as povoações do entorno onde vivem ou viveram candombeiros descendentes dos escravos da Fazenda Cipó) todo o processo midiático de divulgação e valorização do candombe se concentrou na a festa do mês de setembro, na casa de Dona Mercês, e em geral as pessoas “de fora” que conhecem o candombe acredita que a comunidade quilombola se resume a parte da comunidade mais próxima do lugar de realização da festa. Esse foco na festa de Mercês, de certa maneira invisibilizou a Festa de Dona Lena, o que favoreceu a preservação dos rituais e celebrações ali situados, no que se refere à intervenção ostensiva dos frequentadores provenientes de Belo Horizonte e outros lugares (geralmente pouco atenciosos à ética que baseia o candombe, bem como aos fundamentos devocionais).

Até a alguns anos atrás, os tambus permaneciam guardados na casa da família que recebeu o último Candombe até as vésperas da próxima festa, quando um grupo de candombeiros ia até lá busca-los. Não foi identificado quando precisamente esse sistema foi interrompido. De todo modo, desde possivelmente meados dos anos 2000 (esta data foi apenas vagamente indicada), os centenários tambores são guardados na casa de Dona Mercês.

Por alguns anos da década de 2000 não houve candombe na Festa de Lena, apenas reza. O candombe nesta festa retornou apenas por volta de 2010, quando novos tambus foram feitos em uma oficina promovida pelo CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) em parceria com a Prefeitura Municipal de Jaboticatubas e a Associação Comunitária dos Moradores do Açude e Adjacências.

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

04

A decisão não consensual de manter os tambus na casa de Mercês foi apontado por moradores do Açude que se posicionam contrários a este ato como o motivo da paralização do candombe nas festas de Lena. Esses moradores relatam que os antigos sempre afirmavam que os tambus deviam ser mantidos em movimento em um circuito de candombes.

“O pessoal dos antigos... Se você chegasse aqui e pedisse os tambus pra fazer uma reza, eles deixavam. O tambu ia. Ia e voltava! De alguma forma ele aparecia. Quando você precisava [alguém dizia], ‘tá lá na casa de fulano’.” (Eny Aparecida da Apresentação, novembro de 2016)

A partir desses relatos podemos inferir que se a mobilidade dos tambus é intrínseca ao complexo ritual que envolve o candombe, retornar com os tambus sempre para uma única casa (mesmo se com intenção de ‘preservação dos tambus centenários’), é um fato que fere os preceitos do Candombe.

“Nós buscávamos esses tambus longe. Tudo enquanto é canto, no dia de fazer o candombe íamos buscar esses tambus. Oh Meu Deus. A pé. E ninguém tinha carro, tinha coisa nenhuma. Juntava uns três, tinha que ser três pra ir buscar porque são três [tambus]. (...) Mas esses tambus rodaram pra tudo em quanto é lado. Tem lugar que agente até esquece. Agente nem lembra mais. (...) E os tambus não são de ninguém não. Os tambus são para rodar onde que tiver candombe é pro tambu ir.” (Maria Helena Daniel, Dona Lena, 68 anos, em novembro de 2016)

Paralelamente à exposição do Candombe na mídia e para turistas e ao fato dos tambus estarem guardados em uma única casa, os tambus começaram a ser levados para inúmeras apresentações em eventos (shows de artistas renomados, apresentações em universidades, casas de espetáculo e eventos culturais diversos). Essa exposição do Candombe e de seus tambus em performances “culturais”, fora do contexto sagrado também dividiu opiniões entre os candombeiros.

Sobre este conflito, Cristiano A. F. Trindade em sua dissertação apresentada em 2011 à Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais e intitulada “O Candombe do Açude entre a Tradição e a Exposição” registra:

(...) o Candombe é convidado a se apresentar em contextos alternativos que ressignificam o ritual, causando desconforto em alguns candombeiros mais tradicionais acostumados com aura da religiosidade e com a proximidade com os ancestrais do contexto original. Esse processo demanda bastante diálogo, uma vez que produz conflitos que ameaçam a integridade do grupo, como o que fez com que uma parte da comunidade do Açude rejeitasse as “apresentações” nos moldes da cultura do entretenimento e chegasse a construir tambus novos para que as duas dimensões do Candombe não se contaminassem. Essas afirmações foram colhidas em conversas com pessoas da comunidade, as quais serão mantidas no anonimato”. (Trindade, 2011, p. 43-44)

Como citado acima, o Candombe na casa de Lena só retornou depois que novos Tambus foram feitos em uma oficina promovida pelo CRAS (Centro de Referência da Assistência Social – unidade pública estatal gerida a nível municipal). Por volta de 2010, o CRAS estava oferecendo várias oficinas de artesanato em parceria com a Associação Comunitária de Moradores de Açude e Adjacências. Foi quando surgiu a ideia de confeccionarem novos tambus. Esbarraram, entretanto, em um detalhe: não havia ninguém que já tivesse feito tambus. Por outro lado entendiam que se os ancestrais candombeiros fizeram, os candombeiros de hoje também saberiam fazer. Os dois candombeiros mais velhos do Açude foram escalados para fazer os tambus: Ramiro (esposo de Dona Lena e que hoje é evangélico) e Valdivino. De todo modo, para que a oficina fosse aprovada era necessário alguém com experiência comprovada em marcenaria. Essa pessoa foi Evandro, marceneiro (ou carpinteiro?) e candombeiro da Comunidade Quilombola de Matição, em Jaboticatubas. Apesar dos tambus de Matição serem diferentes dos instrumentos do Açude e de Evandro também nunca ter feito um tambu, ele era candombeiro e marceneiro e, portanto, a pessoa ideal para compor com Ramiro e Valdivino a equipe de ministrantes da oficina de tambus.

Foram feitos dois trios de tambus. Um dos trios está na casa de Valdivino e foi feito com uma madeira extraída em Matição cujo nome não souberam dizer. O outro trio foi feito com a madeira de sabueiro e são aqueles usados na festa de Lena. Começaram a trabalhar com as madeiras do Matição. Depois de iniciado o trabalho, Ramiro e Valdivino perceberam que a madeira era muito “leve e fraca” e alertaram que quando comessem a bater os tambus ela racharia (o que mais tarde aconteceu). Continuaram a fazer com a madeira do Matição, mas procurando um tronco seco de uma árvore de sabueiro. Conseguiram uma parte com um filho de Valdivino e o restante na Fazenda Cipó Velho.

A oficina aconteceu na Casa de Dona Vilma ao longo de uma semana, sempre entre 18h e 22 horas. Reuniu vários moradores do Açude, de crianças a idosos. Com exceção das crianças todos ajudaram no feitiço dos seis tambus. A prefeitura além de contratar um oficineiro com experiência em artesanato em madeira, disponibilizou todas as ferramentas necessárias. As ferramentas e a quantidade de cada uma foram indicadas pelos oficineiros: Valdivino, Ramiro e Evandro. A comida oferecida durante as oficinas era providenciada pelos participantes da oficina, “cada um levava um pouco”.

Mas os tambus precisavam ser batizados e consagrados. Então, em uma noite de sábado a comunidade se reuniu na

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

04

casa de Dona Vilma. Rezaram, levantaram a bandeira e apresentaram os novos tambus a Nossa Senhora do Rosário. “Foi bonito de mais”, lembrou Dona Lena.

8.2. Narrativas e representações

Se por um lado houve dificuldades para a realização da pesquisa no Açude, por outros podemos contar com vários depoimentos de moradores em trabalhos anteriormente realizado. Tentamos reunir no presente documento o maior número possível de depoimentos buscados em fontes secundárias em textos sobre o Candombe do Açude.

A seguir alguns trechos de depoimentos reproduzidos do artigo “Educação dos Escravos pelos Tambores - O Candombe como educação. Minas Gerais- século XIX” de Mariana Bracks Fonseca.

“A história de Nossa Senhora do Rosário era os antigo que contava a gente: ela apareceu na lapa, os branco foram lá puseram na igreja e ela tornó a voltá pra lapa, enquanto os nego num foi lá busca ela, ela num parô na Igreja. Enquanto os preto num foi lá com o Candombe ela num parô de saí. Os branco num fazia caso dos preto não, os nego é que insistiu e que pediu eles pra poder ir lá buscá ela com o Candombe, aí foi lá e buscô e e ela ficô quetinha na Igreja. Por isso que ela é a mãe do Candombe. Foi só o Candombe que conseguiu fazé ela queré vim”. (Dona Mercês)

“Esses tambu que nós tem aqui é a Segunda geração do Candombe. Os primeiro eles branco queimaram. Que eles tinha muita raiva, porque a única alegria que os escravo tinha era só cantá, tocá e dançá. Vovô contava nós que de manhã cedo, antes deles pegá na luta mesmo eles tocava o Candombe, dançava. De tarde quando acabava de trabalhá a mesma coisa. Eles ainda era mais rigoroso que nós, porque todo dia de manhã cedo eles ia lá, ajoelhava e beijava os tambu, mas nós de vez em quando ainda faz isso (...) Esses tambu aqui foram feito pelas mãos dos escravo. O mesmo pau. O mesmo tanto que tem que a escravidão acabô tem esses tambu. Nós tem respeito de mais por eles. Eles é sagrado demais, demais.” (Dona Mercês)

“E tem outra coisa: num é qualquer pessoa que pode tocá os tambu não, a gente num pode entregá eles pra qualquer um, isso os menino tem que aprendé, as vezes chega um e a gente tem que falá que num pode. As vezes até pode, mas ele tem que vim cá, pro menino ensiná... E mesmo assim o tambu do meio, a pessoa pra tocá aquilo tem que ser só do pessoal do meio dagente. Do meio é a chama, ele que chama o Candombe.(...)Tem o tambu grande, do meio e o pequeno. Na hora do Candombe começa, eles tem que chamá é no tambu do meio e a hora que agente vai lá e canta, ‘o sinhô me dá licença’, tem que pedi licença 13 porque ele é muito sagrado e na hora da pedida de licença tem que ser um da comunidade, um de nós mais velho, mas se os menino também quisé ir lá e pedi licença também qualquer dum deles pode ir, só gente de fora que num pode ir lá e pedi. Mesmo se eles ensiná as pessoa de fora a tocá, o do meio não.Ninguém pode pega ele. Pro Candombe começa tem que ser um de nós.A caixa a gente botô ela mas ela num foi feita pelos escravo não. Mas ela é importante também, ela é companheira do Candombe. É sagrada também. A gente num pode deixá os menino saí tocando pra onde quizé não, levá pros pagode. Ela é companheira do Candombe e tem que ser companheira só dos tambu. O Candombe é muito sagrado, e só pode tocar seus instrumentos, num pode tocá mais instrumento nenhum.” (Dona Mercês)

“O dia de Nossa Senhora do Rosário é dia 08 de outubro, mas os antigos comemoravam ela com o Candombe era em setembro. E eles pediram a nós que tivesses pelo amor de Deus que era pra nós segura ele igual eles ia. Em outubro eles num fazia o Candombe não, comemorava tudo era em setembro, depois do dia 07” (Dona Mercês).

“Nos tempo pra trás a especialidade do Candombe era o bolo de fubá, canjica, cachaça e o café. O bolo de fubá é dumas maiores tradições do Candombe. Os candombeiro tem que bebê, a gente tem que passa com a cachaça umas 3 ou 4 vezes na noite, pra eles também passa a cachaça na mão, pra num doe, pra aguenta. Eles passa a cachaça assim na mão e os tambu soa mais ainda. A gente mantém a tradição.” (Dona Mercês)

A seguir alguns trechos de depoimentos reproduzidos no livro Minas dos Quilombos promovido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação e Cultura (Secad/MEC) no ano de 2010.

“Na festa de Nossa Senhora do Rosário tem o congado e o candombe. Aqui tem o candombe. Do congado ela é protetora e do candombe é a mãe. O dia dela é 07 de outubro. Mas a gente comemora em setembro, na terceira semana, porque no tempo dos antigos era assim e eles pediram pra gente seguir igualzinho e a gente quer segurar igual a eles (...)” Eu tomo conta dos instrumentos que a gente tem e que foram feitos pelos escravos. Eles são de toda a comunidade, mas alguém tem que tomar conta, né? (Mercês)

“(…) Em Jaboticatubas, tem dois candombes famosos, que é o daqui do Açude e o da Mato do Tição(...) eles têm instrumentos diferentes, mas na mesma formalidade: tambu maior, do meio e o pequeno” (Flávio Santos).

“Bem, no início, lá no tempo dos antigos, o candombe era feito depois do trabalho, quando caía a noitinha(...)o fazendeiro não gostava do batuque e da dança e um dia mandou queimar os tambus(...) Aí, diz que a fumaça entrou

Ficha de Identificação: Formas de Expressão**MG****01****01****17****F40****04**

pela casa da fazenda(...) Olha, era muita fumaça mesmo que quase sufocou ele e a família(...) Ele então achou que era coisa feita pelos negros, sabe?(...) Por causa do medo, deixou os negros fazerem outros tambus(...) aí deixou tocar em paz(...)” (Mercês).

“Toco desde os meus seis anos, aprendi rápido, com meu avô, com os mais velhos, por aí, como muita gente(...)A técnica é respeitar o tambor, respeitar o som deles(...) só pode tirar o som do candombe, não pode tocar outra coisa(...)”.(Rinaldo Valter dos Santos)

A seguir alguns versos:

“oi viêmo, viêmo, viêmo
“oi viêmo da beira do mar
oi viêmo, viêmo, viêmo
oi viêmo da beira do mar,
tem um laço de fita amarela
na ponta da vara
eu não posso tirar”

“quero vê balainho de fulô
balança que o rei balanciô
ê balainho de fulô”

“Oi já comeu
já bebeu
agora vamo agradece, meus
irmão o pão que Deus deu.”

“ê titiê, ê titia,
cutia caiu no poço
cutia já levantou
no campim de Paraúna
que campeiro vai te matar
você fala com tiroteio
que um dia eu vai lá”

“Oiê ê dindinha,
a agulha puxa a linha
dindinha”

“Oiê ê o conceito
O que Deus fez
Tá feito”

“Marinheiro de marinha,
na praia do mar
soldado não manda fogo
sem o capitão mandar”

“Eu sou carrero
eu vim pra carriá
minha boiada é nova
sobe o morro é devagar

Carrero novo
num sabe carriá
mas o carrero velho
tem que tá pra ensiná

Meu carro é velho
e canta sem parar
chumasco de aroeira
eixo de jacarandá”

Chama nego pra trabaia
nego tá trançando
hoje é fim de semana
amanhã tá trabalhando
Chama nego
Branco num vem cá
Se vier
Pau vai levar”

“Saí de casa
descendo o morro
a estrela dalva
já clareou”

“quero vê balainho de rosa
quero vê balainho de rosa
pra enfeita Nossa Senhora
ê balainho de rosa”

“Vamos embora
que já é hora
mas e o galo
já deu o fora”
“Nossa Senhora do Rosário
a sua casa cheira
cheira cravo, cheira rosa
e a flor da laranjeira”

“Quando eu morrer
não quero que ninguém chore
quero sete vela acesa,
ô meu Deus
deixa meu caixão ir embora”

“Ta caindo fulô
ta caindo fulô
cai no céu
cai na Terra
meus irmão
ta caindo fulô” (Versos de
encerramento)

“Ta caindo fulô
ta caindo fulô
Glória ao pai
Glória ao filho
Glória ao Espírito Santo” (Versos
de encerramento)

Versos de encerramento

“Vamos imbora que já é hora
a estrela Dalva já clareou”
“Vamos imboraque já é hora
e o galo já levantou” (Versos
de encerramento)

“Nossa Senhora do Rosário
é a nossa casa cheia
chera cravo, chera rosa
chera flor da laranjeira”
(Versos de encerramento)

Ficha de Identificação: Formas de Expressão**MG****01****01****17****F40****04**

Os versos acima foram citados por Mariana Bracks Fonseca em seu artigo Educação pelos Tambores - a transmissão da tradição oral no candombe do Açude publicado em 2006 nos anais do IV Congresso Luso-brasileiro de História da educação que aconteceu no município de Uberlândia/MG.

8.3. Cronologia

Data	Descrição
Há mais de 200 anos	Os escravos esculpem os primeiros tambus e nasce o candombe.
Fim dos anos 1990 e Início dos anos 2000	Início do processo de espetacularização do candombe.
Nove de novembro de 2004	O Candombe do Açude recebe do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e do ministro da Cultura, Gilberto Gil, uma Medalha de Honra ao Mérito Cultural.

9. Produtos patrimoniais**9.1. Repertório ou principais produtos**

Não se aplica.

9.2. Quais são as principais etapas e participantes da atividade?

Denominação	Descrição da atividade e suas metas	Participantes/Função
Preparação dos tambus	No dia da festa os tambus ficam ao longo do dia sob o calor do sol. À noite ficam do lado da fogueira antes de iniciar o candombe e durante os intervalos. O calor estica o couro, afinando o som entoado pelos tambus.	Candombeiros
Sem denominação local. Chamaremos aqui de "início do toque".	Após uma reza que se inicia por volta das 21h30 e 22h, os candombeiros e todos os devotos erguem o mastro próximo à fogueira e ali iniciam o candombe.	Candombeiros tocam, cantam e dançam; visitantes observam. Alguns visitantes se arriscam a cantar alguns versos o que não é positivamente avaliado pelos candombeiros mais conservadores.
Sem denominação local. Chamaremos aqui de "na fogueira".	Os candombeiros se revezam tocando, cantando e dançando candombe. Por algumas vezes paralisam o toque para afinar os tambus na fogueira	Candombeiros tocam, cantam e dançam. Visitantes observam. Alguns visitantes se arriscam a cantar alguns versos o que não é positivamente avaliado pelos candombeiros mais conservadores.
Sem denominação local. Chamaremos aqui de "dentro de casa".	Durante a madrugada os Candombeiros entram para a sala da casa, onde o Candombe continua. "quando [o Candombe] entra pra dentro de casa é que pega fogo..."	Candombeiros tocam, cantam e dançam. Visitantes observam. Dentro da casa, alguns visitantes ainda se arriscam a entrar no candombe, mas em menor

Ficha de Identificação: Formas de Expressão**MG****01****01****17****F40****04**

		frequência.
Sem denominação local. Chamaremos aqui de “ao nascer do sol”.	Após o nascer do sol iniciam o ritual de encerramento. Os candombeiros carregam os tambus por entre as pernas e saem tocando, dando três voltas pelo lado de fora da casa da anfitriã, sempre entrando pela porta da cozinha e saindo pela porta da sala.	Candombeiros e visitantes

9.3. Principais participantes

Status	Função
Candombeiros	Tocam os tambus e a caixa batuqueira, cantam e dançam.

9.4. Capital e instalações

Descrição	Dinheiro para alimentação e materiais de limpeza e higiene.
Quem Provê	De modo geral, são os “donos da festa”
Função	Receber o candombe e os visitantes.

Capital e instalações

Descrição	O candombe compõe as partes de uma festa em homenagem a santos de devoção. Essas celebrações aconteceram e acontecem no Açude ou em localidades rurais da região, sempre na casa do festeiro. Como é típico nesses povoados, as casas sempre são acompanhadas de um terreiro, alguns maiores, outros menores. O candombe acontece dentro de casa, em geral na sala, e no terreiro, próximo a uma fogueira e ao mastro com a bandeira.
Quem Provê	Os festeiros
Função	Receber o candombe e os visitantes.

9.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho

Descrição	Não existem matérias primas e ferramentas de trabalho associadas.
Quem provê	--
Função / Significado	--
Disponibilidade	--

9.6. Comidas e bebidas

Descrição	Quitandas, café e cachaça
-----------	---------------------------

Ficha de Identificação: Formas de Expressão**MG****01****01****17****F40****04**

Quem provê	Para os candombeiros e visitantes
Função / Significado	De modo geral, são os “donos da festa”.

9.7. Objetos e instrumentos rituais ou cênicos.

Descrição	Tambus
Quem provê	Devocional-ritual.
Função / Significado	Ver item “origem da atividade”

9.8. Figurinos e adereços

Descrição	Não há figurinos e adereços próprios desta atividade.
Quem provê	--
Função / Significado	--

9.9. Danças

Descrição	O candombe é marcado por movimentos corporais específicos caracterizando uma dança transmitida ao longo das gerações
Quem executa	Candombeiros
Função / Significado	Devocional-ritual.

9.10. Músicas e orações

Descrição	Versos do candombe. Alguns foram transmitidos ao longo das gerações, outras são mais recentes e outras criadas de improviso. Originalmente os versos cantados no candombe eram sempre improvisações. Algumas delas por sua expressividade eram reproduzidas nas festas seguintes. No início da década de 2000, Marina Machado produziu um CD que registrou as músicas cantadas pelos candombeiros. Desde então muitas se tornaram músicas de referência. Por terem sido popularizadas, estas músicas são sempre repetidas pelos visitantes. “Musicalmente, o Candombe é constituído de polirritmia - cuja repetição periódica constitui circularidade típica da música afrobrasileira - com diferentes acentuações ditada pelos três tambus, relíquias sagradas que realizam a ligação entre o céu, os antepassados e a terra.” (DIAS, 2000). Eles são construídos pelos próprios candombeiros a partir de troncos esvaziados sobre os quais é fixada uma pele de animal com pregos ou cravos e afinada ao fogo. Os Tambus, na comunidade do Açude chamados de tambu grande, tambu do meio e tambu pequeno, são tocados com as mãos e, ao lado de uma caixa de percussão pendurada por uma correia tipo caixa de congado tocada com baquetas, junto com o coro dos presentes formam o Candombe. Este envolve escala de sete notas com intervalos de terça, quarta e quinta, cuja afinação usa parâmetros do temperamento ocidental
------------------	--

Ficha de Identificação: Formas de Expressão**MG****01****01****17****F40****04**

como referência, porém de forma menos rígida, ou seja, segundo critério estético dos candombeiros em que não é necessário que a afinação seja precisa conforme o padrão da música erudita ocidental. As canções são do tipo responsorial em que uma pessoa entra na roda, puxa um ponto (o canto no vocabulário candombeiro) e o coro funciona como uma confirmação repetindo a proposta inicial. Estes pontos duram pouco mais de um minuto em média. Não se espera virtuosismo dos participantes, característico da música de palco, de forma que todos possam se envolver ativamente em patamar de igualdade, e a formação em roda dos participantes busca corroborar essa percepção. Há espaço para a individualidade quando uma pessoa entra na roda, às vezes em dupla, para puxar o ponto e realizar a dança. O conteúdo textual constitui-se de metáforas, muitas vezes improvisadas, sobre temas religiosos, históricos e crônicas da comunidade. É importante ressaltar que há momento certo para cada ponto específico, cujo sentido deve estar claro para quem o puxa de modo que seja adequado simbolicamente para engrandecer o ritual, pois se alguém puxa um ponto fora de hora pode ser criado constrangimento e conseqüente perda de energia. Isto é o que alguns turistas menos informados podem causar quando se empolgam muito e querem participar de qualquer maneira.”. Fonte: (Fonte: Cristiano Augusto Ferreira Trindade. O Candombe do Açude Entre a Tradição e a Exposição. Dissertação de Mestrado. Escola de Música da UFMG. 2011.)

Quem provê

Improvisadas no momento ou transmitidas ao longo dos anos.

**Função /
Significado**

Devocional-ritual.

9.11. Instrumentos musicais**Descrição**

Tambus e caixa batuqueira

Quem provê

Ver item “origem da atividade”

**Função /
Significado**

Devocional-ritual.

9.12. Atividades após a execução**Executante****Atividade**

A família que promoveu a festa na qual o candombe se expressou.

Limpeza e organização do espaço

10. Destinação do produto

Não se aplica.

Para uso próprio**vende****troca****outro****especificar****Participação na renda
familiar****sim****não****Principal fonte de renda****Complemento****Modo de Comercialização****Direto****Intermediário****Cooperativa / Associação**

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

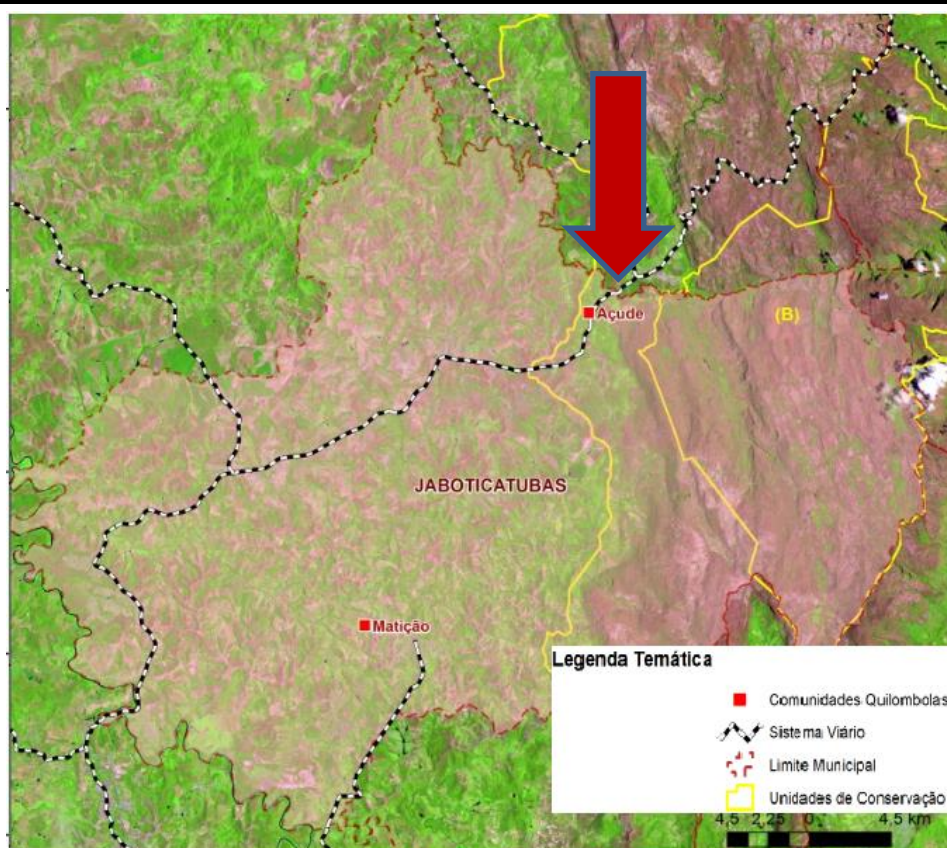
04

11. Participação em cooperativas ou associações

O Açude compõe a Associação Comunitária do Açude e Adjacências.

12. Bens associados

Denominação	Código
Festa de Lena (ou Candombe de Lena ou Reza de Lena) => Já identificado no INRC Quilombos do Cipó (Cf. Ficha de Identificação nº 20)	Ficha de Identificação de Celebrações. Nº 20.
Festa de Mercês (ou Candombe de Mercês ou Reza de Mercês)	Não identificado neste INRC
Festa de Nelson (ou Candombe de Nelson ou Reza de Nelson)	Não identificado neste INRC
Tambus	Não identificado neste INRC

13. Plantas, mapas e croquis

Localização da Comunidade Quilombola Açude no município de Jaboticatubas/MG (no mapa também observa-se também a C. Q. Maticão). Mapa elaborado por Jaqueline Nascimento. Dezembro/2016

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

04



Comunidade Quilombola do Açude. Destaque para Açude e Colônia e para as casas que recebem o Candombe em dia de reza. Imagem capturada do Google Earth. Data das imagens: 26/06/2014. Acesso em 01/10/2016

14. Documentos inventariados**14.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral**

Nenhum identificado.

14.2. Registros sonoros e audiovisuais

Registro audiovisual da Festa de Lena.

Registro audiovisual na casa de Dona Vilma.

A entrevista com Valdivino foi gravada, entretanto não tivemos autorização para incluirmos o áudio no INRC Quilombos do Cipó.

14.3. Registros fotográficos

Não foi realizado registro fotográfico durante a entrevista, mas durante a Festa de Lena (Cf. Ficha de Identificação Nº 20) o Candombe foi fotografado e filmado.

Ficha de Identificação: Formas de Expressão

MG

01

01

17

F40

04

15. Observações**15.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento**

Aprofundar na causa da paralização do candombe na Festa de Lena por alguns anos.

15.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha

- Tambus
- Festa de Nelson (ou Candombe de Nelson ou Reza de Nelson)
- Festa de Mercês (ou Candombe de Mercês ou Reza de Mercês)
- Festa de Lena (ou Candombe de Lena ou Reza de Lena) => Já identificado no INRC Quilombos do Cipó (Cf. Ficha de Identificação nº 20)

15.3. Outras observações

A Festa de Mercês (ou Candombe de Mercês ou Reza de Mercês) foi indicada pelos moradores do Açude como uma das referências culturais a serem identificadas no INRC Quilombos do Cipó, entretanto Florisbela, a filha mais nova de Dona Mercês e que em seu núcleo familiar ocupa o posto de interlocução com agentes externos, se posicionou contrária à execução do INRC Quilombos do Cipó. Por este motivo, apenas a festa de Lena compõe o presente trabalho. A Festa de Nelson não está inclusa por não ser uma festa na - ou da - Comunidade Quilombola do Açude. O candombe participa desta festa, assim como participou no passado de varias outras no entorno, por ser um compromisso do candombe estar disponível ao cumprimento de pagamentos de promessa.

16. Identificação da Ficha

Questionários analisados	Questionário de Identificação Formas de Expressão – Q 40		
Pesquisador (es)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
Supervisor	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
Redator	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira	Data 04/07/2017	
Responsável pelo inventário	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio.		